

Pensamentos intrusivos: para não sair do Ocidente!

Douglas Araújo¹

Resumo: Esse artigo propõe uma discussão sobre como os últimos acontecimentos da história mundial repercutem nas teorias dos sentimentos morais, no significado das palavras, afetando o espectro político, esvaziando os significados das palavras que conformam as narrativas políticas, que embora mumificadas, ainda compõem as narrativas políticas e as ações dos indivíduos, dos intelectuais e da política em geral. Nas considerações sobre os sentimentos morais o artigo trabalha, especialmente, com dois clássicos: Smith e Rousseau. Portanto, a reflexão central é a discussão sobre os desejos dos ressentidos, os conservadores reacionários; e o desejo de sair do ocidente dos intelectuais e políticos do espectro propositivo.

Palavras-chave: Antiocidental; Anti-modernidade; Ressentimentos Morais; Moral dos sentimentos.

Intrusive thoughts: to avoid leaving the West!

Abstract: This article proposes a discussion on how recent events in world history resonate with theories of moral sentiments, the meaning of words, affecting the political spectrum, emptying the meanings of the words that shape political narratives, which, although mummified, still compose political narratives and the actions of individuals, intellectuals, and politics in general. In its considerations of moral sentiments, the article works especially with two classics: Smith and Rousseau. Therefore, the central reflection is the discussion of the desires of the resentful, the reactionary conservatives; and the desire to leave the West among intellectuals and politicians of the propositional spectrum.

Keywords: Anti-Western; Anti-modernity; Moral resentments; Morality of feelings.

Pensamientos intrusivos: ¿para evitar abandonar Occidente!

Resumen: Este artículo propone una discusión sobre cómo los acontecimientos recientes de la historia mundial repercuten en las teorías de los sentimientos morales, en el significado de las palabras, afectando al espectro político y vaciando el significado de las palabras que conforman las narrativas políticas, las cuales, aunque momificadas, aún componen las narrativas y acciones políticas de individuos, intelectuales y la política en general. En sus consideraciones sobre los sentimientos morales, el artículo trabaja especialmente con dos clásicos: Smith y Rousseau. Por lo tanto, la reflexión central es la discusión sobre los deseos de los resentidos, los conservadores reaccionarios, y el deseo de abandonar Occidente entre los intelectuales y políticos del espectro proposicional.

Palabras clave: Antioccidental; Antimodernidad; Resentimientos morales; Moralidad de los sentimientos.

¹Doutor em História Pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Introdução

Estamos diante de um fato consumado, a invasão ilegal de um território soberano - Venezuela -, por uma nação estrangeira – EUA! As repercussões e desdobramentos estão em curso enquanto escrevemos esse artigo.

A caixa de pandora, tantas vezes aberta na história, ultimamente de forma mais frequente – me refiro aos episódios dos últimos quatro anos: invasão da Ucrânia pela Rússia; a destruição da Faixa de Gaza por Israel; e a penúltima delas, a invasão da Venezuela pelos EUA. Nesta penúltima vez, pandora recorrentemente aberta, aconteceu de forma mais estridente desse lado do mundo.

Me refiro a essa parte que se incomoda de ser Ocidente, os brasileiros! Sentimento que, provavelmente, herdamos dos primeiros brasileiros mestiços que, segundo Vianna Moog², se envergonhavam de ser brasileiros e desejavam ser portugueses. Quanto a formação de uma consciência nacional, ou de uma retidão individual, ficaria para depois. “Retomá-la-á na volta, quando tornar rico a Portugal. Por enquanto, o que há para fazer é furtar no peso, adicionar areia no açúcar a exportar para a Europa, contrabandear, enriquecer e gozar”³. Porém, uma vez de volta a Portugal sentiam saudades das terras que tem palmeiras e lá cantam os sabiás.

Não pretendo falar nesses poucos pensamentos intrusivos, de hoje, de todos os males liberados pela penúltima abertura da caixa de pandora, apenas de alguns males sonoros que ressoam nas redes sociais e nos meios de comunicação, mais precisamente os que reverberam nas bolhas de opiniões mais próximas.

É tragicamente cômico acompanhar os pensamentos dos inadequados mestiços no campo do espectro político brasileiro. Esse espectro é por demais conhecido pelas palavras que marcaram o século XX: direita, esquerda, nazismo, fascismo, stalinismo, capitalistas, socialistas, comunistas etc. Tentaremos evitá-lo repetir e ainda dar significado a essas palavras todas

² MOOG, V. Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, 1969.

³ Idem, p. 86.

esvaziadas de sentido concreto, mas apenas sentidos ideológicos. O porquê dessa nossa atitude? A resposta será dada quando, e se, conseguirmos ser entendidos.

Para termos uma ideia desse incômodo de ser mestiço envergonhado, sugiro o vídeo em que o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas – este cidadão parece ser duplamente ressentido: por ser envergonhado, inadequado por ser brasileiro, e pela sua breve passagem no governo Dilma Rousseff - produziu e publicou apoiando e exaltando a invasão da Venezuela pelos EUA.

Bom, mas desse lado dos ressentidos reacionários conservadores já não temos muito ou quase nada de futuro para esperarmos. Esses se voltam mais convictamente ao ressentimento do passado. Recentemente eles revelaram mais do que ninguém o desejo de não se reconhecerem brasileiros, estenderam a bandeira nacional americana na Avenida Paulista, para comemorar o tarifaço e outras medidas de Donald Trump contra o Brasil.

Mas não deixa de ser igualmente cômico-trágico ver os que desejam sair do Ocidente a qualquer custo, e tomados por esse sentimento de sair do seu mundo, tentarem condenar a invasão da Venezuela, alegando, em discursos recorrentes, a legitimidade da geopolítica como motivação e legitimação das ações, apoiaram a invasão da Ucrânia pela Rússia. Tem algo mais cômico! E o trágico?

O trágico, leitor, é saber, sem alarde, que as tensões para uma grande guerra estão em ação. O planeta com 8,5 bilhões de seres humanos, e uma disputa cada vez mais acirrada por recursos naturais; com a crise do multilateralismo, que parecia ser uma solução para um sistema mundial de cooperação concorrencial, e parece que deu errado, faz acender o desejo de morte, como dizia Freud, as vésperas de 1939.

Mas prefiro continuar falando da comicidade, do lado dos que querem sair do Ocidente. O que dizer para eles agora, já que Donald Trump também está reivindicando o direito geopolítico para legitimar sua intervenção na Venezuela? A resposta a essa pergunta, como veremos, não é simples. E por quê?

Estamos mais uma vez, como diria Morin⁴, num contexto, como foi o do século XX, diante de fenômenos que esvaziavam o conteúdo e o sentido de certos paradigmas. Ele falava dos paradigmas herdados do XIX e que se enraizaram de seus significados conceituais e gramaticais, no decorrer do século passado, como direita, esquerda, capitalismo, socialismo, fascismo, nazismo, stalinismo etc. Ridiculamente todas essas palavras para sugerir alguma compreensão, atualmente, teriam que ser pronunciadas no plural.

Agora, em menos de um ano de mandato, as ações do governo trumpista aceleraram esse processo. Me refiro especialmente ao tarifaço; ao apoio irrestrito à destruição da Faixa de Gaza por Israel, ao bombardeio ao Irã; ao abandono da OTAN com o seu apoio discreto a Putin na Guerra da Ucrânia. O governo norte-americano, junto com Putin – aqui a Guerra da Ucrânia foi o divisor de águas contra o multilateralismo – esvaziaram, literalmente, o multilateralismo; a ideia de autodeterminação dos povos e nações, a democracia liberal, o liberalismo econômico ou o livre comércio internacional. Consequentemente, aumentou o fosso existencial dos significados das concepções clássicas de direita e esquerda. A apreensão por enquanto é até quando a China vai resistir a aderir a esse processo de uso da força e da guerra no campo internacional, ou ironicamente emergir como uma nação líder do multilateralismo? É uma incógnita.

Para nós, desse lado do mundo, opa, desse lado do Ocidente, sobrevivendo sobre esses escombros, permanece, ou sobrevive a moral anti-modernidade. Sua sobrevivência faz sentido porque suas origens, suas raízes são heranças profundas da cultura ocidental. O próprio ressentimento mestiço, como diria Moog, é produto de nossa ocidentalização.

Mas nesses casos aqui analisados o ressentimento se aplica melhor as elites conservadoras e reacionárias, e a elas já fizemos referência, citando o exemplo do vídeo do Governador de São Paulo, as manifestações de idolatria aos americanos, na Avenida Paulista, como exemplos que sintetizam densamente essa elite envergonhada, inadequada e aventureira, que não sabe

⁴ MORIN, E. Para sair do século XX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

encontrar um lugar no mundo para o Brasil, e faz de tudo para se dar bem, apenas isso.

Alimenta de certa forma, uma vaga fantasia, que depois de tudo que aprontam para si, lhe resta desistir, ou abandonar as tetas da nossa vaca sagrada, o Estado, e fugir para algum lugar. Como o Reino de Portugal não existe mais, quem sabe, lambe as botas do Tio San seja aprazível. Alguns já se mudaram, outros tentaram, mas na fuga foram presos. Os ratos se enganaram, a caravela ainda não está afundando! Que fique bem claro que aqui não estão incluídos os cidadãos comuns que migram normalmente para o exterior.

1. Desejos, sentimentos e moral

Mas quero falar, principalmente, do desejo de sair do Ocidente, da moral antiocidental que sonoramente se espalha e se recrudescer, também, nesses momentos de aberturas da caixa de pandora. Falo do pensamento mais erudito, mais crítico, as vezes mais propositivo, que se antepõe aos outros ressentidos, as elites conservadoras e reacionárias.

E aqui eu deixo um destaque: reacionários não são apenas uma parte dos conservadores. As lições do Manifesto Comunista já destacavam os socialismos reacionários e sua literatura.⁵ Hoje eles estão modernizados, ou repaginados, o decolonialismo é um dos exemplos dessas novas roupagens ideológicas. E com o esvaziamento dos velhos paradigmas, aumentou a profusão de pensamentos reacionários. Muitos filhos do *Caput Mortuum* do marxismo. Como podemos enfatizar, Marx dizia a mesma coisa com relação a Hegel e os hegelianos. Como se pode ver, as nossas raízes antiocidentais são profundas e múltiplas.⁶

Rousseau nas suas reflexões morais sobre seus sentimentos, lembro que ele faz essas reflexões na maioria dos seus textos - destaco aqui os principais: *Emílio ou da Educação*, *As confissões*, e *Os devaneios de um*

⁵ MARX, K. & ENGELS, F. O manifesto comunista. In: Karl Marx & Friedrich Engels: obras escolhidas. Vol 1. São Paulo: Editora Alfa-Omega, s/d.

⁶ MARX, K. & ENGELS, F. A ideologia alemã. 13ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

caminhante solitário. Fala, especialmente no Emílio de um atávico desejo nosso de nos transportamos sempre para fora de nós.⁷

Certamente esse desejo alimentou o duradouro nomadismo dos nossos ancestrais. No processo civilizatório das tribos e dos impérios, entre outras coisas, alimentou nossas conquistas por rotas comerciais, também alimentou as conquistas e o intercâmbio cultural entre culturas e povos diferentes, entre outras aventuras. Contemporaneamente, podemos dizer que alimenta a migração legal, não falo de fugas, das migrações forçadas. Impulsiona, também o turismo cultural em geral.

Provavelmente, com o sedentarismo o espírito substituiu as ações. Ai as grandes narrativas entraram em ação para produzir esse efeito sublime de autotransportar-se de um estado de espírito inferior para um superior, a elevação da alma ou do espírito, ou a elevação da moral.

Só para ficar em poucos exemplos, cito duas grandes narrativas contemporâneas, com milênios de existência, que contemplam esse desejo: no Oriente, o budismo foi e é busca incessante do nirvana que representa a supressão de todos os desejos do corpo, um estado de ser livre das aflições como ganância, inveja, ódio e ignorância. Um conforto que transcende o ego, o eu material.⁸ No Ocidente, o cristianismo como libertação da alma do corpo pela sua salvação na eternidade, que representa, também, a libertação do mundo, do corpo, desse vale de lágrimas, pela ascensão ao Reino de Deus.

Nas filosofias, narrativas seculares que se desenvolvem quase que concomitante às narrativas teológicas, e cosmológicas, esse desejo, como diria o genebrino, de auto transportação para fora de nós, transformasse em desejo de elevação moral. No ocidente esse desejo de elevação moral tem em Demócrito de Abdera, um dos precursores – “quem escolhe os bens da alma, escolhe os divinos; quem escolhe os do corpo, escolhe os humanos”; “É belo opor obstáculos a quem comete injustiça; senão, hão de participar da injustiça

⁷ ROUSSEAU, J. J. Emílio ou da educação. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A, 1992. p. 94.

⁸ KIOKAI, B. D. A doutrina de Buda. 3ª ed. Minato-ku, Tokyo, Japan: Fundação para a propagação do budismo, 1982.

dele”⁹; “irracionais são as esperanças dos tolos”¹⁰ -, seguido por Sócrates, Platão e Aristóteles. Para ficar entre os clássicos mais conhecidos.

Não vou percorrer o período da Idade Média porque, de modo geral, para o Ocidente, não ocorreu grandes novidades, prevaleceu o domínio absoluto do cristianismo e do aristotelismo, galvanizados pela didática escolástica. Nossa civilização era cristã católica sob a autoridade da Igreja Romana. Aliás, para os templários e hospitalares, o mundo deveria ser cristão, dirigido pela autoridade papal. Nesse particular, devemos recordar as teses de Raymond Lull, aprovadas no Concílio de Lyon, em 1274, que serviriam para cristianizar os muçulmanos, através de doutrinários cristãos bem-preparados e bem armados, ou seja, doutrinação e violência.¹¹

No início da nossa era moderna, a filosofia que aborda os sentimentos morais, retoma seu desenvolvimento, agora, com status de teoria. O termo Teoria dos Sentimentos Morais não pertence a Rousseau, mas a seu contemporâneo, o escocês, Adam Smith¹². Contemporaneamente, a teoria do reconhecimento, as teorias identitárias e outras seguem esse desenvolvimento, destacando a ética da empatia, em complemento à ética da simpatia.

Smith é o primeiro, no Ocidente, a separar didaticamente a teoria da moral, da teoria econômica, e da teoria social. Escreveu dois clássicos: um sobre os sentimentos morais, e outro sobre a riqueza das nações. Alguns mais desavisados veem nessas duas obras, dois Smith: um altruísta e outro egoísta. Essa é uma artimanha da herança aristotélica, ou seja, atacar o autor em vez de compreender seu pensamento.

Embora tenham perspectivas diferentes na abordagem dos sentimentos morais, ambos trabalham com o desejo de “nos transportamos sempre para fora de nós” – Rousseau. Smith entende que esse movimento se realiza pelo sentimento da simpatia: “A simpatia do espectador para com a pessoa que as sente coincide com sua preocupação com a pessoa que é objeto delas. Assim,

⁹ DEMÓCRITO DE ABDERA. Os pré-socráticos. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 329.

¹⁰ Idem, p. 353.

¹¹ BURMAN, E. Templários: os cavaleiros de Deus. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1994. p. 183.

¹² SMITH, A. Teoria dos sentimentos morais. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

é essa simpatia dupla que torna esses afetos tão particularmente dignos e agradáveis".¹³

Para o escocês da Teoria dos Sentimentos Morais - TSM, a simpatia, como movimento mútuo de transportar-se para o lugar do outro, ou para os afetos do outro, gera a solidariedade social. Claro está para ele que esse processo de construção da solidariedade social não é automático, nem isento de conflitos contrastantes com outras afecções e interesses. Daí ele apelar para o papel da sabedoria, da elevação dos espíritos. Apesar de sua ruptura com a escolástica, vê-se aí claramente, no desejo de sabedoria elevada, uma continuidade com a Antiguidade clássica.

Rousseau vê no desejo de sempre nos transportarmos para fora de nós o fenômeno da imitação, e conseqüentemente, um impulso à degeneração do homem. Porém, como um bom moralista de origem calvinista, todos os desejos devem ser moderados ou eliminados pela educação: assim seu aluno, não deverá manter esse afeto, ao completar seu ciclo de aprendizagem, "se eu tiver êxito na minha empresa, Emílio não terá esse tal desejo".¹⁴

O genebrino com essa radicalidade moral deixou de perceber que a imitação, que chamo de arte de imitar do *homo sapiens*, é um dos grandes elos de construção coletiva dos nossos afetos, e da nossa memória, e conseqüentemente, da solidariedade social. Mas esse é assunto para outro espaço, agora interessa continuar com o que leva ao desejo de sair do Ocidente.

Sem querer estabelecer continuidades ou descontinuidades, até porque, são muitas em todo o pensamento social historicamente analisado. Porém, não há como não trazer a importância de Marx para nossa narrativa dos pensamentos intrusivos.

A filosofia marxiana traz uma força disruptiva radical com essa perspectiva do - para manter o tênue fio de continuidade -, desejo de nos transportarmos sempre para fora de nós. A partir daí, para parte do pensamento ocidental, o desejo de nos transportarmos para fora, adquiriu outra

¹³ STEWART, D. Biografia crítica. In: TSM, p. XXVII.

¹⁴ Ob. Cit. p. 94.

dimensão: é o desejo de sairmos, do que o Marx denominou de sociedade burguesa, da exploração do trabalho, sinônimo de modernidade, de capitalismo moderno.

A modernidade, até hoje é, para a literatura marxiana, com ou sem ortodoxia, sinônimo de mundo ocidental. Em Marx, entre outras questões, sair do capitalismo, ou da sociedade burguesa, seria nos emanciparmos da divisão do trabalho, como relação de libertação da escravização do homem. Claramente o marxismo se sacraliza pelo fato de recolocar a emancipação como mito sagrado.

Só fora da divisão do trabalho o homem seria livre e feliz, com sua máxima: “de cada um segundo suas possibilidades, e a cada um segundo suas necessidades”. Isso claro, em um mundo de total abundância, riqueza social jorrando em mananciais.¹⁵ Com uma certa culpa de Marx, o fim da propriedade privada foi absolutizado como sendo o fim da divisão do trabalho, e virou uma teologia de libertação, ou da emancipação em todas as filosofias ocidentais de origem marxiana, mesmo os que se negam se reconhecer nessa cultura. Prefiro chamá-los de marxistas decaídos, sendo que uma parte desses espíritos decaídos engrossam, também, o grupo dos ressentidos conservadores reacionários.

2. Sair do século XX não é sair do Ocidente

Os pensamentos intrusivos não pretendem construir o corolário completo dos conceitos-chave: capitalismo, socialismo, esquerda, direita, neoliberalismo, consciência de classe, e consciência revolucionária de qualquer outra ordem etc., que da última quadra do século XIX e durante todo o século XX, conformaram o desenvolvimento dessa cultura antiocidental. Ou cultura arquimediana: a busca de um outro mundo fora desse mundo. Aqui vai uma alusão a Arendt.¹⁶

¹⁵ MARX, K. Observações à margem do Programa Operário Alemão. In: Karl Marx & Friedrich Engels: obras escolhidas. 2º vol. São Paulo: Editora Alfa-Omega, s/d.

¹⁶ ARENDT, H, A condição humana. 13ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

Para uma consulta a esse corolário de palavras e conceitos Anteus, sugiro a leitura do primeiro capítulo do texto de Morin, obra aqui já referenciada. Indico especialmente o capítulo que tem como título: “Ver? Veremos...”. A propósito o termo Anteu, que cito anteriormente, é usado pelo próprio Morin para designar o poder mítico e poderoso desses “males das palavras”, nesse caso, os conceitos da cultura marxiana, mas não apenas, têm para aprisionarmos, em pés de chumbo, no mundo que pretendemos abandonar.

Pois bem, com esse singelo e tímido título: “Para sairmos do século XX”, do autor do texto, é plausível dizer, até certo ponto, que ele nos convida para retornarmos a senda do desejo de nos transportarmos sempre para fora de nós. De sua leitura podemos perceber que a proposta tem uma modéstia moral, uma ética mais moderada, mas em sintonia como o desejo de simpatia, empatia na construção da solidariedade social do que da luta de classe. Porém, poucos ouviram seu chamado, ou quem sabe, poucos o entenderam. Mas porque não o entenderam?

Uma possível explicação por que isso aconteceu e acontece é a motivação que leva, muitas vezes, a ler Morin, e demais – Otavio Paz, “Labirinto da solidão”, Paolo Rossi, “Esperanças”, Terry Eagleton, “Marx e a liberdade”, entre outros – como críticos dessa cultura. Para os que estão chumbados dentro da cultura marxiana, essas tentativas de leituras buscam encontrar o melhoramento, a renovação da luta antiocidental. E isso é mergulhar até os pés, no século XX, e não ajuda a entender a crítica dos críticos. É a busca desenfreada dos fundamentos da emancipação do homem. Emancipação, palavra teologizada no Ocidente, e contra o Ocidente. Verdadeiro paradoxo cultural!

Portanto, pode-se dizer que não quisemos sair do século XX porque isso significava abandonar o corolário de luta de classe, a luta pelo socialismo contra o capitalismo, e isto seria nos recusar a sair do Ocidente. Como bem mostra o autor referido, esse corolário de conceitos e palavras de Anteus, dividiram, no início do XX, o mundo em dois espaços: o paraíso do bem, a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – lembrando que em meados do XX outros países entraram para esse universo ideológico, como China e Cuba, só para citar esses dois exemplos -, e o império do mal, os EUA e as nações aliadas,

que compunham o inferno ocidental. Recentemente li um texto de um amigo, no qual ele pintou, com letras garrafais e cores fortes, esse mundo horrível da Europa e dos europeus, só coisas e gente que não prestam, segundo a opinião do autor.¹⁷

Porém, Morin no texto referido, mostra que esses aparentes antagonismos dos espaços construídos segundo a versão do bem e do mal em campos opostos, a partir dos fatos históricos observados, no decorrer do XX, foram duas fronteiras culturais que convergiram formando dois mundos onde o bem e o mal conviveram simultaneamente. Talvez a máxima de Harari: “a história não é justa”¹⁸, seja a fiel compreensão desse fenômeno no contexto geral da história do “*homo sapiens*”, e nesse contexto aqui analisado.

Em um dos subtítulos do texto moriniano, especialmente, “A miséria informacional”, o autor faz uma cartografia dos fatos históricos acontecidos tanto no paraíso socialista, como no inferno capitalista. Fatos esses que indicavam esse processo, em curso nas sociedades ditas capitalista e nas sociedades ditas socialistas, de convergências nas práticas, discursos e ações dos sujeitos simples, muitas vezes de intelectuais, de autoridades centrais dos governos dessas sociedades.¹⁹ Segundo seu assertivo e ético tirocínio intelectual, quanto mais se aguçava esse processo de convergência, mais os conceitos dos paradigmas ditos antagônicos – Capitalismo x Socialismo – se esvaziavam, e pelo que estamos demonstrando se esvaziam.

Assim sob o império da superinformação, que ele designa como subinformação, e falsa informação – atualmente essa situação informacional, com o advento das redes sociais é ainda mais forte e preponderante. Vejamos os exemplos da Venezuela, antes com Hugo Chávez e Nicolás Maduro, e agora sob a intervenção dos EUA; a Guerra da Ucrânia; a destruição da Faixa de Gaza etc.

Os dois campos, o do bem e o do mal, antes como agora, manipulavam e manipulam todo tipo de informação produzindo a subinformação, a falsa

¹⁷ Op. Cit.

¹⁸ HARARI, Y. N. Sapiens – uma breve história da humanidade. 12ª ed. Porto Alegre RS: L&PM, 2016.

¹⁹ MORIN, E. Op. cit.

informação e até mesmo informação ficcional, sem contar, que atualmente, também contamos com as *fakes news*, que aparentemente dividem valores opostos, alimentam os campos culturais em disputa. Alimenta também as narrativas da ordem em construção: a disputa de territórios e zonas de influência que cada bloco quer dominar.

No decorrer do XX, Morin cita exemplos de convergência e esvaziamento de conceitos e palavras - processo que ele denominou “males das palavras” -, manifestado através da “miséria informacional”²⁰.

Uma das primeiras barreiras que o autor destacado considera são as escolhas seletiva para emitir juízo sobre fatos. Seletividade condicionada pelas referências ideológica, muito comum na convivência entre intelectuais e jovens estudantes dos dois mundos: ele próprio em visitas suas ou de seus amigos à colegas do bloco do paraíso, todos procuravam falar apenas do avanço e da prosperidade alcançadas pelos seus países, fossem russos, poloneses, búlgaros, tchecos etc. E quando os amigos de fora do Pacto de Varsóvia, comentavam ou perguntavam sobre denúncias que chegavam ao Ocidente, todos diziam que era propaganda anti-stalinista, ou propaganda em favor do traidor Trótski. Tempos depois, todos reconheceram que sabiam bem mais coisas horrorosas que as comentadas dantes.²¹

Quanto a essa questão de torpor ideológico, no contexto do século XX, Morin lembra que os alemães quiseram ignorar os campos de concentração, os campos da morte, e ignoraram-no; os marxistas quiseram não ver os gulags, e o fizeram-no sem nenhuma hesitação; e os franceses preferiram não tomar conhecimento da existência de tortura na Argélia, e assim se comportaram com naturalidade. E assim por diante.

O autor cita uma situação singular, porém não menos chocante, mas exemplo de como a prostração ideológica supera até mesmo os afetos: o exemplo de sua amiga “C.” que ele implorou no decorrer de um ano para que

²⁰ Op. cit.

²¹ Op. cit. pp. 33-34.

ela lesse o livro, “Arquipélago Gulag”, coisa que ela não deu a menor importância, enquanto sobrava tempo para ler Lacan e Guattari²².

Lendo essas reflexões do Morin, vem a imagem de um afogamento de um amigo, ou terceiros em um remanso de um rio caudaloso em que você tenta salvá-lo, mas as forças das correntezas são mais ferozes, e o amigo desaparece. Aquelas cenas vivenciadas pelo autor se repetem ainda hoje nas sombras das nossas academias, na vida cultural do nosso mundo atual, bem como nas atividades políticas contemporâneas de um modo geral, e nas redes sociais.

Mas essa metáfora imagética se desfaz quando lembro da máxima de Locke: ninguém salva a alma de outro, “o cuidado da alma de cada homem pertence a ele próprio, tem-se de deixar a ele próprio”.²³ Isso vale para a alma, da mesma forma que vale para o espírito, porém a escravização ideológica despreza esse simples aprendizado da modernidade, por ser um pensamento liberal.

Além da acédia ideológica que impedia e impede as pessoas de olhar para o mundo e para os fatos sem escolhas seletivas, o autor destaca, também, a subinformação, a falsa informação com realidades e cenários propositadamente manipulados para produzir, de diversas formas, efeitos e imagens positivas do mundo das sociedades socialistas e efeitos e imagens negativas das sociedades ocidentais capitalistas.

Assim as notícias que chegavam desse mundo do sagrado, vinham sempre atrasadas no tempo, e muitas vezes, por vias pessoais, e quando as informações eram oficiais, estas continham uma embalagem camuflada para minimizar possíveis estragos ao movimento comunista no Ocidente e na opinião pública em geral. Notícias de revoltas populares e repressão aos trabalhadores em cidades importantes da União Soviética e da China só chegavam tempos depois²⁴.

²² Op. Cit. p. 44.

²³ LOCKE, J. Carta a cerca da tolerância. In: Os pensadores. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 12.

²⁴ MORIN, E. Op. cit. p. 32.

Da mesma forma acontecia sobre a Guerra do Vietnã. Pouco ou quase nada se sabia sobre os combates, sobre os avanços e recuos das tropas envolvidas, o número de baixas, de todos os lados etc. Tudo era muito nebuloso nas informações, constituindo-se em verdadeiras subinformações. No que se refere a Guerra do Khmer Vermelho, no Camboja, a situação não fora diferente. Talvez esta guerra tenha sido o modelo ideológico mais nitidamente anti-modernidade, do século XX, denotado pelo abismo dos números, e a perplexa surpresa tardia ao se tomar conhecimento dos dados funestos sobre as pilhas de cadáveres, algo em torno, de quatro milhões, de civis mortos. Tudo transmitido por testemunhas e fugitivos fugazes. Seriam dados reais? Míticos? Qual importância? Para os propósitos ideológicos, nenhum crédito a considerar.²⁵

Talvez o mais emblemático dos acontecimentos do século XX, foi o massacre na Floresta de Katyn, no leste da Polônia. Em setembro de 1939, nazistas – no primeiro dia do referido mês – e soviéticos – no dia 17 - invadiram a Polônia. Concretamente o país ficou dividido ao meio pelas forças militares dos dois países. Na verdade, a invasão da Polônia pela União Soviética foi resultado de um acordo secreto entre os nazistas de Hitler, e os socialistas liderados por Stálin: o conhecido Pacto Molotov-Ribbentrop, acordo que dividia a Europa Oriental e a Polônia em esferas de influências entre os dois movimentos.

Com o domínio da região leste da Polônia, a primeira medida tomada pelo Exército Vermelho foi decretar a prisão de cerca de 20 mil pessoas, especialmente os oficiais e suboficiais do exército polonês. Grande parte da elite intelectual da Polônia estava no exército: eram médicos, engenheiros projetistas de avião, arquitetos, cartógrafos, advogados, pintores e demais intelectuais.

Os soldados poloneses foram mandados para suas casas. A elite militar e civil foi encaminhada inicialmente para o Campo de Concentração de Kosielski, na URSS, e nos primeiros meses de 1940, todos foram levados para a Floresta de Katyn e executados com tiro na nuca em valas comuns, e depois

²⁵ Idem, idem.

soterrados.²⁶ Os soviéticos miravam claramente esmagar toda a inteligência formada sob os cânones da modernidade clássica. Como já nos referimos, nada diferente do que fez o líder Pol Pot, ou o Kampuchea Democrático do regime cambodjano.²⁷

A memória desse episódio foi disputada a ferro e fogo pelos dois lados envolvidos na ocupação polonesa. Primeiro, durante o domínio absoluto dos nazistas sobre a Polônia, quando os soviéticos já estavam em guerra com a Alemanha, foi feita exumação dos cadáveres com a presença de peritos poloneses e autoridade da igreja para rezar aos corpos exumados, tudo filmado para servir de propaganda contra os comunistas. Depois, com o final da guerra, e a vitória dos soviéticos e das potências do ocidente, passando a Polônia a pertencer a URSS, mesmo procedimento foi feito, agora para incriminar os nazistas. Esta disputa sob o domínio dos comunistas submeteu, temporariamente, o episódio para o subterrâneo da história.

Segundo Morin, foi preciso esperar os anos de 1955-1956, quando das próprias esferas do partido operário polonês saiu a confirmação de que o Crime de Katyn teria sido cometido pelos soviéticos. Ele teria estado em Varsóvia em 1957, após o “Outono polonês” de 1956, preocupado em investigar as versões sobre os assassinatos de Stálin, quando constatou que além do Crime de Katyn, o ditador russo colocou no Gulag toda a cúpula do partido comunista polonês. E que Stálin matou mais stalinistas que o próprio nazismo.²⁸

3. Outras convergências de sentidos

Quanto a essa disposição de submeter ao subterrâneo da memória, a memória coletiva de um fato ou episódio, faz-se interessante mencionar nos pensamentos intrusivos, o massacre de Civitella Val de Chiana²⁹. Como descreve Portelli, naquele episódio, fora o exército nazista, que durante sua ocupação da região, para debelar a guerrilha urbana comunista, que matou 130

²⁶ Ver a respeito desse episódio trágico o filme “Massacre de Katyn”, disponível no YouTube, completo e legendado.

²⁷ Sobre a Guerra do Khmer Vermelho, ver o filme “Os gritos do silêncio”.

²⁸ Op. Cit. p. 35.

²⁹ PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana. (Toscana, 29 de junho de 1944). In: FERREIRA, M. M; AMADO, J. Uso & abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

moradores do vilarejo para cada soldado alemão morto. Sob esse pretexto o massacre se fez. A descrição desse horrendo acontecimento está no referido texto, feito a partir de depoimentos dos sobreviventes da época, através do seu trabalho sobre história oral.

Após a rendição dos alemães, a cidade ou vilarejo foi governada pelos comunistas, os mesmos que haviam participado da resistência e praticado a guerra de guerrilha. E não fora do interesse, dos agora dirigentes da cidade, manter essa narrativa que indicava, na opinião dos sobreviventes, a culpa do massacre, ou parte dela, aos métodos da resistência. Isso depunha contra a imagem heroica daqueles que haviam participado ativamente dos ataques de guerrilha. O referido autor escreve esse texto, aqui citado, em 1995.

Em 1972 o presidente americano Richard Nixon visitou a China, e no momento que ele e sua comitiva atravessa um pagode, local onde existia, e talvez ainda exista, um lago, depararam-se com um dos lugares mais idílicos do mundo, com crianças e adolescentes em situação de plena felicidade e lazer. Todos em harmonia e fraternidade, realizavam atividades de puro entretenimento. Verdadeiro Jardim do Éden. Minutos após a retirada da comitiva, um jornalista da equipe volta ao local para recuperar parte de seu equipamento esquecido, encontrou tudo desfeito, e as crianças e adolescentes, agora agrupados em filas, realizavam passos marciais³⁰.

Poderíamos continuar enumerando todos os fatos citados por Morin e outros autores críticos da história, os fatos de convergência e esvaziamento dos sentidos antagônicos entre as doutrinas capitalistas e socialistas. Porém, vamos optar por acrescentar outros acontecimentos e fenômenos dessa história da convergência dos sentidos, antes considerados antagônicos, ou antagonizados, pelas ideologias, como dois mundos diferentes: o mundo da justiça e do progresso proletário, e o mundo do capital, das injustiças e da maldade das classes dominantes.

Comecemos por um exemplo que está na ordem do dia, como um acontecimento recente, ou como fato de repercussão internacional. No mundo contemporâneo, todas as sociedades modernas têm seu Banco Central. Mas

³⁰ MORIN, E. Op. cit. pp. 32-33.

aqui falo da existência e dos conflitos sobre os Bancos Centrais, autoridade financeira responsável pela gestão da política monetária de suas respectivas nações. Os BCs, ou suas políticas de regulamentação monetária das economias nacionais, têm se constituído, nos últimos tempo como de discórdia entre conservadores e intelectuais propositivos.

Ao mesmo tempo, para alguns, tornou-se um pesadelo: assistimos nesse momento o embate do presidente da maior nação capitalista do mundo, contra o Banco Central da sua economia, movendo inclusive investigação cível contra seu principal dirigente. Não poderíamos deixar de traçar aqui um paralelo com o mal-estar entre o governo atual do Brasil e as políticas monetárias do nosso Banco Central, com verdadeiros embates públicos, entre prós e contras dos diversos grupos do espectro político nacional.

O que ninguém lembra é que originalmente a ideia de um Banco Central, como requisito técnico necessários às economias nacionais, é uma das propostas do decálogo contido no Manifesto Comunista de Marx, mais precisamente o item 5, como parte do programa mínimo da transição para o comunismo.³¹ Óbvio que os propósitos políticos do Manifesto eram outros, mas os Bancos Centrais já existentes, eram poucos, em algumas economias ocidentais – o Riskbank da Suécia (1668) é um exemplo - não tinha as funções de controlar o crédito e a moeda nacionais. Ou seja, o propósito de ser banqueiro do Estado, essa ideia central moderna, está no referido item citado do Manifesto.³² Muitos países só muito tardiamente criaram seu Banco Central, e o Brasil é um exemplo: o Banco Central do Brasil do Brasil foi criado em 1964.

Outro fator de convergência desenvolvido no século XX foi o desenvolvimentismo. Não se trata aqui de discutir os fundamentos teóricos das políticas de desenvolvimento, induzidas pelas políticas de governo, mas ao fato de que originalmente o desenvolvimentismo no Brasil foi posto em prática por um regime de exceção, que se estabeleceu no país nos anos de 1964, a partir de um golpe de estado. Antes disso, tivemos os *insights* desenvolvimentistas

³¹ MARX, K. & ENGELS, F. Manifesto do partido comunista. In: Karl Marx, Friedrich Engels: obras escolhidas

³² Op. cit.

com Vargas, em 1951-1954, e Kubitschek, nos anos 1956-1961, com o plano cinquenta anos em cinco.³³

Todos esses governos tiveram a oposição forte e significativa dos comunistas, inclusive com a opção desses atores, para enfrentar o regime de exceção, pela via da luta armada, nas modalidades urbana e rural. Não havia nenhuma identificação dos comunistas, nesse período, com o nacional-desenvolvimentismo, tudo era conspiração anticomunista do imperialismo ianque. Nesse rol entrava, especialmente a Aliança para o Progresso, o financiamento para o desenvolvimento econômico através dos petrodólares etc.

Também, no pós-guerra, o Ocidente patrocinou o multilateralismo sempre baseado no livre comércio internacional, nas democracias liberais e na autodeterminação das nações e dos povos. Os marxistas e new-marxistas permaneceram durante todo esse período desdenhando e expressando, através de novas abordagens teóricas, seu desejo de sair do Ocidente, e sempre alegando suas afinidades ideológicas com os russos, mesmo depois da derrocada da União Soviética, e das anteriores repúblicas socialistas se integrarem, em graus diferentes, ao multilateralismo. Até mesmo a ascensão da China ocorreu dentro desse contexto, preservando o seu chamado socialismo de mercado, expressão criada pelo líder chinês Deng Xiaoping.

Considerações provisórias

Depois das considerações intrusivas parece que fica claro o que chamamos no começo do texto, de situação cômica, mas também trágica pelo teor de tensão que a atual conjuntura encerra. Essa comicidade é que a despeito de tudo que ocorreu ao longo do século XX, para a maioria dos intelectuais propositivos, aqueles que continuam pensando impulsionados pelo desejo de sair do Ocidente, parece não ter acontecido nada. As palavras anteus, os conflitos que se desenvolvem no atual tabuleiro internacional, tudo isso continua sendo pensado com as ferramentas e os sentidos do século XX.

³³ SKIDMORE, T. Brasil: de Getúlio a Castelo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. E especialmente do mesmo autor: Brasil: de Castelo a Tancredo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Como se esses intelectuais propositivos estivessem vendo mais uma vez uma chance de sair do Ocidente, pela derrocada do império americano, sempre anunciado como breve acontecimento. Parece um sonho se não fosse uma tragédia a derrocada de qualquer império.

O que parece escapar a esses intelectuais antiocidentais, e não preciso repetir a idiotice dos conservadores ressentidos, inadequados, embora eles busquem tirar proveitos próprios, é que a Guerra da Ucrânia e as medidas tarifárias do governo Trump provocaram fraturas, talvez não recuperáveis, no multilateralismo pautado no livre mercado e na cooperação concorrencial intrablocos econômicos. Deixando como um dos herdeiros do multilateralismo exatamente aqueles que nunca foram defensores do livre comércio, mas que agora se apresentam como os melhores defensores do assunto.

O sequestro de Nicolás Maduro revelou outro drama cômico. Antes mesmo dos protestos de todos, ou quase todos, governos e intelectuais, quer os ocidentais e os antiocidentais, o Trump, a CIA e seus principais auxiliares já tinham celebrado um acordo com o núcleo chavista do governo venezuelano, não fiel à guarda do Maduro. Aliás, quanto mais dias se passam, mais fica claro que o núcleo forte do chavismo entregou Maduro, informando e facilitando as ações do governo Trump.

Os nossos intelectuais antiocidentais, aqueles que cultuavam o chavismo que diz ser herdeiro de Simon Bolívar, agora estão órfãos porque o núcleo duro e militarizado, despótico e autoritário do chavismo está compondo politicamente com a gestão do governo trumpista. O descarte do Maduro foi apenas para tirar do poder um tirano decaído e trapalhão. Quanto a esse bolivarismo é bom desmitificar, porque desde a ascensão política do Chavez, apenas serviu para alimentar o antiocidentalismo na América Latina. Até porque Bolívar não deixou nenhuma teoria de revolução, originária para a região.

Toda a sua atuação, na época, fora inspirada na Revolução Francesa, e nas Revoluções Liberais da Europa e dos EUA. Claro que seus flertes e adesões às ideias republicanas liberais, foi de fundamental importância para a conquista da independência da região, episódio histórico memorável, que teve na sua participação direta, importância singular. Mas desde a sua queda, o que

restou ou resta é a simples manipulação de sua figura histórica respeitável, nada mais do que apenas apelo pela memória e manipulação política desse personagem da história da América Espanhola.

Além da sua extraordinária história política, convertida em memória disputada, restou também a validade da sua profecia política para a região, proferida no momento de sua derrocada política em 1830. Mesmo de tom muito pessimista vale transcrever aqui nessas considerações finais desses pensamentos intrusivos, a sua profecia:

Estive no comando por vinte anos, e durante este tempo cheguei apenas a umas poucas conclusões definitivas: (1) considero que, para nós, a América [Latina] é ingovernável; quem quer que trabalhe por uma revolução está se esforçando à toa; (3) este país [Grã-Colômbia, mais tarde dividida em Colômbia, Venezuela e Equador] inevitavelmente cairá nas mãos de uma multidão enlouquecida, caindo depois sob o domínio de obscuros tiranetes de todas as cores e raças; (5) embora dizimados por todo os tipos de crimes e exauridos pelos nossos excessos cruéis, ainda assim não representaremos uma tentação para os europeus desejarem nos reconquistar; (6) se qualquer parte do mundo tiver que retornar ao caos primitivo, ela será a última encarnação da América [Latina]³⁴.

Passados praticamente duzentos anos, faltam apenas quatro para completar os dois séculos, parece que em parte ou no todo a profecia - e não a revolução de Bolívar - avança na região. Infelizmente somos obrigados a reconhecer similitudes entre o que disse o libertador sobre o destino de parte da América Espanhola, e o que tem ocorrido, e atualmente ocorre na região.

Deixando de lado as guerras e guerrilhas ditas libertárias – por ter produzido líderes, poucos, entre outros, como Gustavo Pedro, a merecer, até agora, esse destaque – elas representaram a adesão das massas e dos jovens das classes médias, desesperados em deixar seu mundo herdado do Ocidente pelo novo mundo da justiça proletária. Até certo ponto, podemos dizer que o crime organizado, e as gangues do narcotráfico, mais especificamente, representam, como disse Bolívar, com cores diferentes, adesões das massas ao controle desses cruéis e infames detentores e controladores dessas organizações criminosas.

³⁴ RANGEL, C. Apud HARRISON, L. E. Subdesenvolvimento é um estado de espírito: a questão latino-americana. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1986. pp. 201-202.

E a sucessão a esses períodos de desespero das massas tem ocorrido, nessa região, a ascensão dos tiranetes obscuros como foi Hugo Chávez, sucedido pelo Maduro. E o atual exemplo do Equador parece caminhar na mesma direção. Mesmo eleito duas vezes, em eleições livres, sua vocação de tiranete fica, cada dia, mais explícita. Fora da América bolivariana, os exemplos de tiranetes e vocacionados a tirania também se multiplicam.

No caso da Venezuela, sua história mais recente de autoritarismo é significativa para ilustrar a tese da convergência dos sentidos, tidos como antagônicos. Além do desfecho já mencionado, a aliança do chavismo, núcleo forte do regime autoritário que se instalou desde a ascensão do Hugo Chávez, com o governo trumpista. Situação que, no que diz respeito a anterior simpatia ou condenação, esvaziou o universo político dos conservadores, reacionários e inadequados com o Ocidente, e dos considerados intelectuais propositivos, politicamente falando, tornando-os órfãos de bandeiras. Embora é sabido que nos tornamos responsáveis por aquilo que cultivamos.

Os dados desse período recente da sociedade venezuelana são significativos do ponto de vista dos danos causados ao seu povo. Segundo dados divulgados internacionalmente, o PIB do país caiu 90% entre o auge do governo de Hugo Chávez e o regime de Nicolás Maduro, que provocou o fim ao seu mandato presidencial. Nesse mesmo período ocorreu um êxodo estimado em oito milhões de venezuelanos. Foi produzido uma pobreza generalizada de mais de vinte milhões de pessoas, causando escassez, ou falta de acesso a bens, serviços, alimentos, medicamentos e produtos básicos de higiene pessoal. E a inflação do período está sendo considerada a mais severa, mundialmente falando.

Estamos diante do seguinte questionamento: como foi, ou é possível que pessoas sensíveis, cultas e dotadas de espírito crítico fizessem, ou façam vistas grossas, ou mesmo ignorem essa tragédia? Não arrolamos os dados referentes as mortes e prisões que o regime chavista causou à oposição. Tamanha indignação fez Paolo Rossi, em seu texto “Esperanças”, fazer referência à essa fascinação exercida pelos intelectuais, humanistas e críticos, com relação a Rússia de Stálin ou a China durante a Revolução Cultural. E ele acrescenta: “Tal fascínio era proporcional à antipatia que os intelectuais nutriam

pela sociedade na qual viviam: aumentavam de maneira diretamente proporcional ao asco que nutriam pelo próprio mundo”.³⁵ Quaisquer semelhanças entre o passado longínquo, do século XX, e o passado recente parece ser mera coincidência!

No Brasil além dos admiradores do “despotismo dito esclarecido”, como é a convicção de alguns dos que desejam sair do Ocidente, com outras cores, como diria Bolívar, temos o bolsonarismo com forte vocação autoritária e defensor abertamente de um estado de exceção, sem contar o seu plano de golpe de estado, que quando começou a fracassar, teve no 08/01/2023 o seu ato de desespero das massas que o apoiavam, desde sempre, nas ruas.

Aliás quero registrar aqui a convicção desses pensamentos intrusivos, o bolsonarismo, com cores e lantejoulas diferentes, foi inspirado no chavismo, principalmente o recrutamento, via vantagens e cargos no aparelho do Estado oferecidos aos militares, os propósitos bolsonaristas estavam bem desenvolvidos nas forças militares brasileiras, em todos os níveis. O núcleo civil encastelado no parlamento, recrutado especialmente, mas não só, nos pleitos eleitorais de 2018 e 2022, continua firme nas convicções antidemocráticas, nos ataques as instituições democráticas dos ressentidos, inadequados e sem proposta de onde colocar o Brasil como uma sociedade moderna, dentro do contexto global.

Mas não querer sair do Ocidente não significa adesão subordinada a nenhum líder imperialista em ascensão, nesse momento que brota uma outra ordem mundial em oposição ao multilateralismo. Seja esse líder do ocidente, sejam os líderes não ocidentais. Como diria Rossi, citando o que escreveu Norberto Bobbio: “Fora do Ocidente. Mas para ir aonde?”³⁶

É preciso abandonar o fascínio pelas revoluções sem perder as esperanças nas mudanças, mesmo sabendo que somos inclinados a perdê-las “porque ainda temos um caminho longo, muito longo,”³⁷

³⁵ ROSSI, P. Esperanças. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013. pp. 48-49.

³⁶ Op. Cit. p. 40.

³⁷ Op. Cit. p. 16.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, H. A condição humana. 13ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- BURMAN, E. Templários: os cavaleiros de Deus. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1994.
- DEMÓCRITO DE ABDERA. Os pré-socráticos. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- HARARI, Y., N. Sapiens – uma breve história da humanidade. 12ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- KIOKAI, B., D. A doutrina de Buda. 3ª ed. Minato-ku, Tokyo, Japan: Fundação para a propagação do budismo, 1982.
- LOCKE, J. Carta a cerca da tolerância. In: Os pensadores. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MARX, K. & ENGELS, F. A ideologia alemã. 13ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- _____. O manifesto comunista. In: Karl Marx & Friedrich Engels: obras escolhidas. Vol 1. São Paulo: Editora Alfa-Omega, s/d.
- MARX, K. Observações à margem do Programa Operário Alemão. In: Karl Marx & Friedrich Engels: obras escolhidas. 2º vol. São Paulo: Editora Alfa-Omega, s/d.
- MOOG, V. Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, 1969.
- MORIN, E. Para sair do século XX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- PORTELLI, A. O massacre de Civitella Vai di Chiana. (Toscana, 29 de junho de 1944). In: FERREIRA, M. M; AMADO, J. Uso & abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- RANGEL, C. Apud HARRISON, L. E. Subdesenvolvimento é um estado de espírito: a questão latino-americana. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1986.
- ROSSI, P. Esperanças. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- ROUSSEAU, J., J. Emílio ou da educação. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A, 1992.
- SKIDMORE, T. Brasil: de Getúlio a Castelo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. Brasil: de Castelo a Tancredo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SMITH, A. Teoria dos sentimentos morais. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

*Recebido em 12 de janeiro de 2026.
Publicado em 01 de março de 2026.*